

MAPEAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO DE JOGADORAS E CLUBES DO CAMPEONATO BRASILEIRO NAS TEMPORADAS DE 2022 A 2024

SOCIODEMOGRAPHIC MAPPING OF PLAYERS AND CLUBS IN THE BRAZILIAN CHAMPIONSHIP IN THE 2022 TO 2024 SEASONS

Milena Gonçalves Sales dos Reis¹, Matheus de Oliveira Jaime¹, Leandro Rechenchosky¹, Vanessa Menezes Menegassi¹

¹Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

RESUMO

O estudo teve como objetivo realizar um mapeamento sociodemográfico descritivo para caracterizar o perfil de clubes e jogadoras do futebol de mulheres na elite nacional nas temporadas de 2022 a 2024. Foi realizada uma pesquisa exploratória de cunho documental. A amostra foi constituída por 23 clubes e 401 jogadoras em 2022, 351 em 2023 e 393 em 2024. Os dados foram coletados no site da CBF, páginas oficiais dos clubes e outras plataformas digitais. As variáveis dos clubes foram: cidade, estado, região e IDH; já para as jogadoras: cidade, estado, região, IDHM e população da cidade de nascimento. Os resultados evidenciam a predominância da região Sudeste, especialmente do estado e da cidade de São Paulo, tanto na quantidade de clubes quanto na naturalidade das atletas. Além disso, nas três temporadas, o número de clubes representantes da região Norte/Nordeste é muito inferior em relação ao Sudeste/Sul. Ademais, quase todos os estados dos clubes apresentaram IDH alto ou muito alto, assim como o IDHM de grande parte das cidades das jogadoras. Conclui-se que o Sudeste possui o maior número de clubes e jogadoras nascidas nesta região, ilustrando um grande desequilíbrio em relação às outras regiões do país.

Palavras-chave: Futebol. Fatores socioeconômicos. Desempenho atlético.

ABSTRACT

The study aimed to conduct a descriptive sociodemographic mapping to characterize the profile of women's soccer clubs and players in the national elite for the 2022-2024 seasons. Exploratory documentary research was conducted. The sample consisted of 23 clubs and 401 players in 2022, 351 in 2023, and 393 in 2024. Data were collected from the CBF website, official club pages, and other digital platforms. The variables for clubs were city, state, region, and HDI; while for female players: city, state, region, HDI-M and population of the city of birth. The results highlight the predominance of the Southeast region, especially the state and city of São Paulo, both in the number of clubs and in the athletes' birthplaces. Furthermore, in the three seasons, the number of clubs representing the North/Northeast region is lower compared to the Southeast/South. Furthermore, almost all the clubs' states had high or very high HDIs, as did the HDI-M's of most of the players' cities. It follows that the Southeast has the largest number of clubs and players born in this region, illustrating a significant imbalance compared to other regions of the country.

Keywords: Soccer. Socioeconomic factors. Athletic performance.

Introdução

O futebol é o esporte mais popular do mundo. Pensando nessa afirmação e olhando para a questão de gênero, em específico o futebol de mulheres, é imprescindível que as discussões sobre seu desenvolvimento e ascensão estejam em pauta. Primeiramente, no seu contexto histórico, há que: o futebol de mulheres, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA) citada por Vedove¹, tem sua origem na Inglaterra, em 1894, momento no qual Nettie Honeyball criou o primeiro clube de futebol de mulheres, chamado *British Ladies Football Club*. Como Pessanha² afirma, o futebol de mulheres foi ganhando notoriedade na Primeira Guerra Mundial com o surgimento de várias equipes femininas nas fábricas. Em 1921, porém, a *Football Association* (FA) barrou mulheres de jogarem, alegando questões de “corporeidade feminina” e a retomada dos homens pós-guerra. Já no Brasil, a aparição da modalidade voltada para as

mulheres aconteceu na década de 1920, com caráter de performance em circos³ e um dos primeiros jogos competitivos registrados foi em 1921, na partida entre as “Senhoritas Tremembenses” e as “Senhoritas Cantarinenses”⁴. Pensando na trajetória das mulheres e seu protagonismo, a história segue o que a autora Perrot¹⁴ salienta: “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”, ressaltando, a visibilidade reduzida para as mulheres e consequentemente, no futebol não seria diferente.

Além disso, é essencial frisar o período de proibição do futebol de mulheres em território brasileiro (1941 - 1979) e a resiliência que as mulheres precisavam manifestar, conforme descrito por Ribeiro⁵ em seu estudo. O Decreto-lei n. 3.199/1941 representou um marco restritivo forte para o futebol de mulheres, interrompendo uma crescente de visibilidade, sendo amparado por argumentos preconceituosos e narrativas médicas e morais. O decreto despertou reações contrárias, deslegitimando a prática do esporte por parte das mulheres nos campos de futebol⁵. A regulamentação do futebol feminino somente aconteceu no ano de 1983, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) nas suas atribuições, resolveu oficializar a prática. A partir de então, a popularização do futebol de mulheres foi aumentando de forma considerável, mesmo com passos lentos, estimulada pelo surgimento das primeiras competições e maior destaque da mídia. E como Goellner⁷ relata, houve nas diversas regiões do país competições autorizadas depois da regulamentação.

Segundo o Jornal da Paraíba⁸, o Campeonato Brasileiro tem histórico anterior a sua data oficial. Na era da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi realizada a primeira Taça Brasil de Clubes, em 1993. Já em 1994, o Campeonato Nacional Brasileiro de futebol de mulheres. De 2002 a 2005, não foram realizados campeonatos de nível nacional, com a saída da CBF da organização. Em 2006, a LINAf organizou a Liga Nacional e posteriormente (2007), a CBF criou a Copa do Brasil de futebol feminino. Finalmente, em 2013, o Campeonato Brasileiro (com 20 times) e, em 2017 com 16 times (como é atualmente). Há de se destacar que em 2024 houve recorde de público na final do Campeonato Brasileiro (Corinthians x São Paulo) sendo 44.529 torcedores, já na final do ano seguinte (Corinthians x Cruzeiro) o público foi de 41.130 torcedores na Neo Química Arena, tendo recorde de renda (R\$ 1.237.699,00) em um jogo de clubes no futebol de mulheres no Brasil^{9,10}.

Além do surgimento dos campeonatos nacionais, a imposição pela CONMEBOL, em 2016, relacionada à obrigatoriedade dos clubes masculinos de primeira divisão terem equipes femininas a partir de 2019, foi fundamental para o desenvolvimento no país¹¹, apesar de ainda carecer de mais esforços para os avanços significativos. Ademais, a fim de contribuir para o desenvolvimento no futebol de mulheres, a FIFA¹² organizou a *FIFA Strategy*, em 2018, como forma de fomentar o futebol praticado por mulheres mundialmente, com estratégias voltadas para aumentar a participação; aumentar o valor comercial e construir fundações. Já em 2023, o Governo Federal do Brasil publicou a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, que tem como objetivo principal “Promover condições favoráveis para o desenvolvimento profissional [...], com vistas à descobertas e o encaminhamento de novos talentos, inclusive com investimentos necessários ao seu desenvolvimento no esporte”¹¹, integrando o *Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) com seus pilares de desenvolvimento. Somado a isso, a Estratégia visava constituir um documento que aumentasse as chances do Brasil ser sede da Copa do Mundo Feminina, em 2027, e assim foi confirmado, no mês de maio de 2024, com o Brasil sendo a próxima sede do maior evento da modalidade.

Existe uma lacuna na literatura acerca de estudo que objetivam mapear o panorama nacional do futebol praticado por mulheres, especialmente com relação aos clubes, atletas e questões significativas envolvendo elementos sociodemográficos, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que é constituído por informações de renda, educação e

saúde, o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), que utiliza os mesmos indicadores do IDH, porém específico para cada cidade, o que o torna mais adequado para a avaliação de municípios¹³, e a População. Essas variáveis sociodemográficas são de extrema importância para o estudo do contexto do futebol de mulheres brasileiro, buscando destacar aspectos que podem gerar desigualdades no esporte. Nesse sentido, o mapeamento é pertinente para apresentar e discutir as diversidades presentes no futebol de mulheres no Brasil, considerando diferentes regiões do país. O palco é a principal competição nacional, o Campeonato Brasileiro Série A1 (2022-2024), disputado por atletas adultas. Acredita-se que o processo contribuirá para a identificação da naturalidade das atletas de futebol de elite do país, a realidade dos clubes presentes na principal competição e as respectivas variáveis de ambos (estado, cidade e região de origem), além da relação destes com os fatores sociodemográficos (IDH, IDHM e população das cidades) para aprofundamento nas discussões.

Para tanto, o objetivo geral do estudo foi realizar um mapeamento sociodemográfico descritivo para caracterizar o perfil de jogadoras e clubes de futebol de mulheres que faziam parte da elite nacional nas temporadas de 2022 a 2024. Acredita-se que estas informações podem contribuir com a compreensão sob as óticas social e geográfica, possibilitando a obtenção de direcionamentos acerca das características sociodemográficas do futebol de mulheres do país, elencando as principais mudanças, desafios e dificuldades.

Apresentam-se como hipóteses para responder ao problema deste estudo: I) a distribuição geográfica da maioria dos clubes no Campeonato Brasileiro Série A1 é desigual, com as regiões Norte e Nordeste com poucos clubes, como pode ser visto também na pesquisa de Accocella *et al.*¹⁵, causando desigualdades e desarmonia entre todas as regiões do país; II) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) podem ser fatores fundamentais para a prática de esportes envolvendo clubes e jogadoras, pois são capazes de influenciar o engajamento esportivo e a construção das habilidades necessárias ao desempenho¹⁶. Ademais, III) possivelmente cidades maiores podem oferecer mais recursos e infraestrutura para clubes/atletas.

Métodos

Abordagem metodológica, contexto da pesquisa e participantes

A pesquisa utilizou informações de acesso livre, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, e segue a linha quantitativa, do tipo descritiva-exploratória, de cunho documental. O estudo envolveu a participação de jogadoras e clubes que integraram o Campeonato Brasileiro Série A1, nas temporadas 2022 a 2024. Cada temporada foi composta por 16 times. Na temporada de 2022 obteve-se 533 jogadoras, em 2023 foram 519 jogadoras e na edição de 2024 foram 537 jogadoras. Ao fim da coleta de informações, houve redução no número total de jogadoras, considerando os seguintes critérios de exclusão: I) inexistência de registros sobre a naturalidade nas bases de informação consultadas; II) inconsistências nas informações relativas a cidade e estado natal da jogadora; e III) jogadoras estrangeiras que jogaram o Brasileirão Série A1 nas temporadas investigadas. Nesse sentido, a amostra a ser analisada contou com 401 jogadoras em 2022, 351 jogadoras em 2023 e 393 jogadoras em 2024. Sinaliza-se que foram consideradas participações repetidas da mesma jogadora em diferentes temporadas.

Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

Para a realização da coleta das informações foram adotados os seguintes caminhos: acesso ao site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) - <https://www.cbf.com.br/> e busca das informações de clubes e jogadoras das temporadas pretendidas^{17,18,19}. Posteriormente, no caso das jogadoras que apresentavam somente o nome, mas não o registro de naturalidade no site da CBF, foi realizada a consulta no site ogol.com (<https://www.ogol.com.br/>). Além disso, quando o site em questão não apresentava as informações exigidas sobre naturalidade, o recurso final foram os sites oficiais de cada clube.

As variáveis consideradas nesta pesquisa estão relacionadas ao clube e as jogadoras. Do ponto de vista do clube são: Nome do Clube; Cidade; Estado; Região e IDH (estado). No que se refere às jogadoras: Nome da Atleta, Cidade, Estado e Região de Nascimento, IDHM (cidade) e População (cidade). Sobre o IDHM e suas classificações, foram verificadas diretamente no site Atlas Brasil. Já em relação à população, os critérios de classificação adotados seguiram as determinações da Política Nacional de Assistência Social - PNAS/2004 na Norma Operacional Nacional Básica²⁰. Ademais, para coletar as variáveis pertinentes às características sociodemográficas do IDH (2021), IDHM (2010) e População (2022), utilizou-se o site oficial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)²¹.

Análise de dados

Os dados foram processados no Programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 25.0. Para apresentação dos resultados, foram criados mapas das regiões e estados dos clubes e das atletas, por meio da ferramenta Canva (<http://canva.com>). Além disso, os dados também foram apresentados por meio de tabelas desenvolvidas nos programas Excel e Word (Pacote Office). Os resultados quantitativos foram exibidos por meio da frequência (f), percentual (%) e percentual acumulativo (%A).

Resultados

Observa-se que na elite e nas temporadas pesquisadas, são no total 23 clubes, centralizados em 15 cidades e 11 estados no país. Dos 23 clubes, 12 deles disputaram as três edições do Brasileirão incluídas na pesquisa, refletindo que em cada temporada (16 clubes), apenas quatro vagas foram ocupadas por “novos clubes”. Ademais, a pesquisa observou que as cidades que concentram a maior quantidade de clubes são: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com total de 3 em cada. Em relação ao IDH, Pará e Bahia têm IDH médio, 12 estados têm IDH alto e 9 estados têm IDH muito alto.

Nas temporadas pesquisadas, foram identificados 23 clubes de 15 cidades brasileiras, sendo Belo Horizonte (n = 3): América Saf (24), Atlético Mineiro Saf (22/23/24) e Cruzeiro (22/23/24); Rio de Janeiro (n = 3): Botafogo (24), Flamengo (22/23/24) e Fluminense (24). São Paulo (n = 3): Corinthians (22/23/24), Palmeiras (22/23/24) e São Paulo (22/23/24). Brasília (n = 2): Cresspom (22) e Real Brasília (22/23/24). Porto Alegre (n = 2): Grêmio (22/23/24) e Internacional (22/23/24). Ananindeua (n = 1): A. A. Esmac (22); Curitiba (n = 1): Athletico PR (23); Caçador (n = 1): Avaí Kindermann (22/23/24); Salvador (n = 1): Bahia (23); Fortaleza (n = 1): Ceará (23); Araraquara (n = 1): Ferroviária (22/23/24); Ariquemes (n = 1): Real Ariquemes (23); Bragança Paulista (n = 1): Red Bull Bragantino (22/24); Santos (n = 1): Santos (22/23/24) e São José dos Campos (n = 1): São José Ec (22).

Outro ponto importante identificado na pesquisa é o quantitativo de clubes por estado nas temporadas de 2022, 2023 e 2024. Respectivamente, SP (7, 5, 6); MG (2, 2, 3); RJ (1, 1, 3); RS (2, 2, 2); DF (2, 1, 1); SC (1, 1, 1); PA (1, 0, 0); BA (0, 1, 0); CE (0, 1, 0) e RO (0, 1, 0).

Obtendo assim, 23 clubes totais. Vale destacar que nos três anos de competição, o estado de SP é o que possui mais clubes representantes, sendo sete em 2022, cinco em 2023 e seis em 2024. O estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais somente em 2024 conseguiu alcançar o quantitativo de três clubes. Todos os outros estados tiveram dois ou um clube somente, em todas as temporadas deste estudo.

Foi observado que nas temporadas do estudo, os 23 clubes estão centralizados em 11 estados, sendo que no estado de São Paulo/Sudeste (IDH = 0,806) estão os clubes: Corinthians, Ferroviária, Palmeiras, Red Bull Bragantino, Santos, São José Ec e São Paulo. Rio de Janeiro/Sudeste (IDH = 0,762): Botafogo, Flamengo e Fluminense. Minas Gerais/Sudeste (IDH = 0,774): América Saf, Atlético Mineiro Saf e Cruzeiro. Rio Grande do Sul/Sul (IDH = 0,771): Grêmio e Internacional. Distrito Federal/Centro Oeste (IDH = 0,814): Cresspom e Real Brasília. Pará/Norte (IDH = 0,690): A. A. Esmac. Paraná/Sul (IDH = 0,769): Athletico PR. Santa Catarina/Sul (IDH = 0,792): Avaí Kindermann. Bahia/Nordeste (IDH = 0,691): Bahia. Ceará/Nordeste (IDH = 0,734): Ceará. Rondônia/Norte (IDH = 0,700): Real Ariquemes. Os IDHs mencionados dizem respeito ao Estado, o qual tem referência no ano de 2021 (IBGE).

A figura a seguir, apresenta as regiões incluídas na pesquisa e o quantitativo de clubes por temporada (2022, 2023 e 2024).

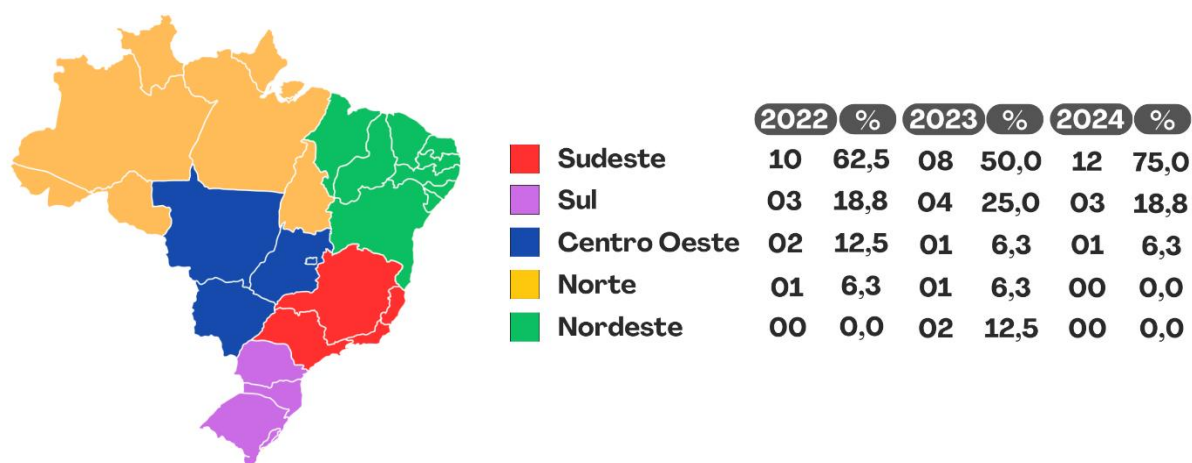


Figura 1. Região dos clubes que disputaram as edições de 2022, 2023 e 2024 do Campeonato Brasileiro A1.

Fonte: Os autores.

Acrescentando como resultado, em 2024, o Campeonato Brasileiro só contou com representantes de três regiões do país (Sudeste, Sul e Centro Oeste), sendo doze das dezesseis equipes do Sudeste, evidenciando a dificuldade de ascensão de clubes das demais regiões à elite nacional. Em 2022, somente a região Nordeste não teve representante. Em 2023, felizmente todas as regiões tiveram clubes participantes, inclusive com o nordeste superando as regiões Centro Oeste e Norte, sendo, portanto, o ano mais democrático, dentre os pesquisados. Foi verificado que a região Sudeste, em todas as temporadas, obteve o maior número de representantes; após, o Sul, Centro Oeste, por fim, Norte e Nordeste.

Com relação à análise acerca das características sociodemográficas referentes ao local de nascimento das atletas, a figura a seguir constata a região de nascimento e o quantitativo de jogadoras por região em cada temporada.

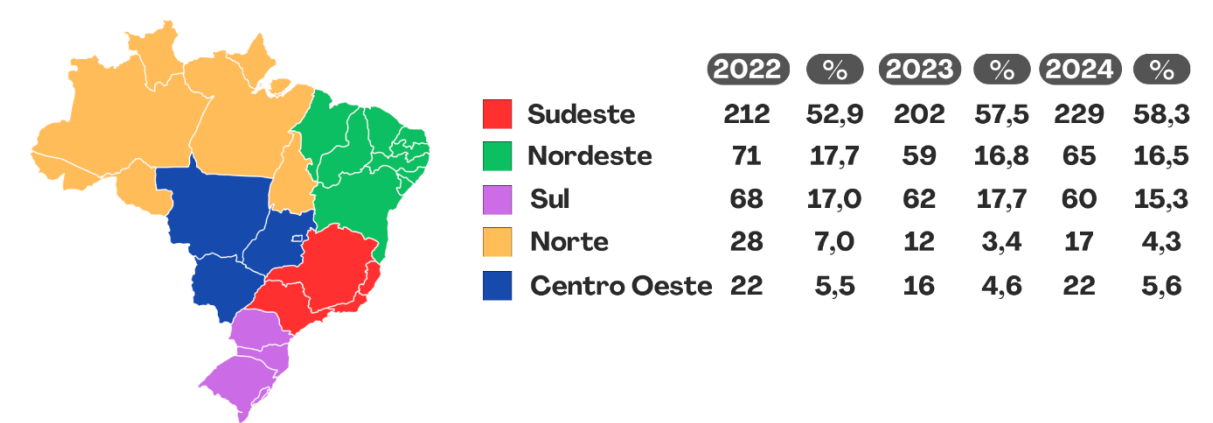


Figura 2. Região de nascimento das atletas que disputaram as edições de 2022, 2023 e 2024 do Campeonato Brasileiro A1.
Fonte: Os autores.

No mesmo sentido, a Figura 3 evidencia o estado de nascimento das jogadoras nas temporadas 2022 a 2024.

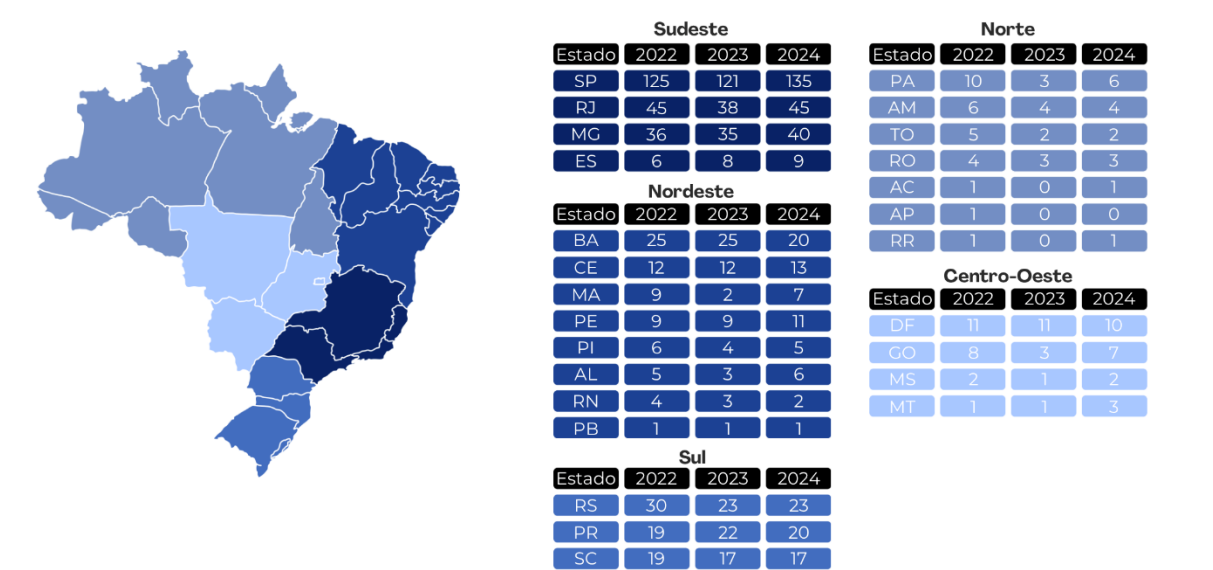


Figura 3. Estado de nascimento das atletas que disputaram as edições de 2022, 2023 e 2024 do Campeonato Brasileiro A1.
Fonte: Os autores.

Com relação aos estados de nascimento das jogadoras, o maior quantitativo está nas regiões Sudeste, Nordeste, seguida de Sul, Centro Oeste e Norte. E os estados que mais têm jogadoras nascidas são (ordem decrescente): São Paulo; Rio de Janeiro; Minas Gerais, Rio Grande do Sul; Bahia, Paraná e Santa Catarina.

A tabela a seguir apresenta os dados sociodemográficos referentes às cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2022 do Campeonato Brasileiro A1.

Tabela 1. Cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2022 do Campeonato Brasileiro A1 (n = 21).

Cidade (n = 21)*	f	%	%A	IDHM	População
São Paulo ©	47	11,7	11,7	0,805	11.451.999
Rio de Janeiro ©	29	7,2	19,0	0,799	6.211.223
Salvador ©	14	3,5	22,4	0,759	2.417.678
Belo Horizonte ©	13	3,2	25,7	0,810	2.315.560
Brasília ©	11	2,7	28,4	0,824	2.817.381
Fortaleza ©	9	2,2	30,7	0,754	2.428.708
Porto Alegre ©	8	2	32,7	0,805	1.332.845
Campinas	7	1,7	34,4	0,805	1.139.047
São José dos Campos	6	1,5	35,9	0,807	697.054
São Luís ©	6	1,5	37,4	0,768	1.037.775
Araraquara	5	1,2	38,7	0,815	242.228
Curitiba ©	5	1,2	39,9	0,823	1.773.718
Recife ©	5	1,2	41,1	0,772	1.488.920
Maceió ©	4	1,0	42,1	0,721	957.916
São Bernardo do Campo	4	1,0	43,1	0,805	810.729
Belém ©	3	0,7	43,9	0,746	1.303.403
Franca	3	0,7	44,6	0,780	352.536
Jundiaí	3	0,7	45,4	0,822	443.221
Manaus ©	3	0,7	46,1	0,737	2.063.689
Mogi das Cruzes	3	0,7	46,9	0,783	451.505
Osasco	3	0,7	47,6	0,776	728.615

Nota: *Foram apresentadas na tabela cidades com pelo menos três atletas, representando mais de 47% da amostra, sendo que o total de cidades identificadas foi 214. f= frequência; % = porcentagem; %A = porcentagem acumulativa; © = capitais.

Fonte: Os autores.

Considerando as principais cidades, ou seja, as que possuem pelo menos três atletas (21), treze são capitais. Sobre o IDHM, onze cidades apresentam IDHM alto (0,700 - 0,799) e onze apresentam IDHM muito alto (0,800 - 1,000). Em relação à população, sete municípios

são de grande porte (população de 101.000 até 900.000 habitantes) e quatorze municípios são metrópoles (acima de 900.000 habitantes).

A tabela a seguir apresenta os dados referentes às cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2023 do Campeonato Brasileiro A1.

Tabela 2. Cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2023 do Campeonato Brasileiro A1 (n = 15).

Cidade (n = 15)*	f	%	%A	IDHM	População
São Paulo ©	49	14,0	14,0	0,805	11.451.999
Rio de Janeiro ©	25	7,1	21,1	0,799	6.211.223
Belo Horizonte ©	13	3,7	24,8	0,810	2.315.560
Brasília ©	11	3,1	27,9	0,824	2.817.381
Fortaleza ©	11	3,1	31,1	0,754	2.428.708
Curitiba ©	10	2,8	33,9	0,823	1.773.718
Salvador ©	10	2,8	36,8	0,759	2.417.678
Campinas	6	1,7	38,5	0,805	1.139.047
Recife ©	6	1,7	40,2	0,772	1.488.920
São Bernardo do Campo	6	1,7	41,9	0,805	810.729
Porto Alegre ©	5	1,4	43,3	0,805	1.332.845
Jundiaí	4	1,1	44,4	0,822	443.221
Araraquara	3	0,9	45,3	0,815	242.228
Itu	3	0,9	46,2	0,773	168.240
Maceió ©	3	0,9	47,0	0,721	957.916

Nota: *Foram apresentadas na tabela cidades com pelo menos três atletas, representando 47% da amostra, sendo que o total de cidades identificadas foi 179. f = frequência; % = porcentagem; %A = porcentagem acumulativa; © = capitais.

Fonte: Os autores.

Considerando as principais cidades, ou seja, as que possuem pelo menos três atletas (15), dez são capitais. Sobre o IDHM, seis cidades apresentam IDHM alto e nove apresentam IDHM muito alto. Em relação à população, quatro municípios são de grande porte e onze municípios são metrópoles.

Por fim, a Tabela 3 apresenta os dados referentes às cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2024 do Campeonato Brasileiro A1.

Tabela 3. Principais cidades de nascimento das jogadoras que disputaram a edição de 2024 do Campeonato Brasileiro A1 (n = 18).

Cidade (n = 18)*	f	%	%A	IDHM	População
São Paulo ©	64	16,3	16,3	0,805	11.451.999
Rio de Janeiro ©	28	7,1	23,4	0,799	6.211.223
Belo Horizonte ©	16	4,1	27,5	0,810	2.315.560
Brasília ©	10	2,5	30,0	0,824	2.817.381
Fortaleza ©	10	2,5	32,6	0,754	2.428.708
Salvador ©	9	2,3	34,9	0,823	1.773.718
Recife ©	6	1,5	36,4	0,759	2.417.678
Jundiaí	4	1	37,4	0,805	1.139.047
Maceió ©	4	1	38,4	0,772	1.488.920
São Carlos	4	1	39,4	0,805	810.729
São José dos Campos	4	1	40,5	0,805	1.332.845
Campinas	3	0,8	41,2	0,822	443.221
Cuiabá ©	3	0,8	42,0	0,815	242.228
Mogi das Cruzes	3	0,8	42,7	0,773	168.240
Niterói	3	0,8	43,5	0,721	957.916
Porto Alegre ©	3	0,8	44,3	0,805	1.332.845
São Bernardo do Campo	3	0,8	45,0	0,805	810.729
Teresina ©	3	0,8	45,8	0,751	866.300

Nota: *Foram apresentadas na tabela cidades com pelo menos três atletas, representando mais de 45% da amostra, sendo que o total de cidades identificadas foi 206. f = frequência; % = porcentagem; %A = porcentagem acumulativa; © = capitais.

Fonte: Os autores.

Considerando as principais cidades, ou seja, as que possuem pelo menos três atletas (18), onze são capitais. Sobre o IDHM, oito cidades apresentam IDHM alto e dez apresentam IDHM muito alto. Em relação à população, oito municípios são de grande porte e dez municípios são metrópoles.

A seguir, é apresentada a amostragem total das três temporadas e a relação com o IDHM. A tabela exibe a classificação do IDHM (muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto) contendo a quantidade de jogadoras enquadradas em cada classificação.

Tabela 4. Índice de Desenvolvimento Humano das cidades de nascimento das jogadoras que disputaram as edições de 2022, 2023 e 2024 do Campeonato Brasileiro Série A1.

	2022 (n = 401)		2023 (n = 351)		2024 (n = 393)	
IDHM	f	%	f	%	f	%
Muito Baixo	0	0	0	0	0	0
Baixo	13	3,2	8	2,3	14	3,6
Médio	53	13,2	41	11,7	44	11,2
Alto	214	53,4	177	50,4	206	52,4
Muito Alto	121	30,2	125	35,6	129	32,8

Nota: f = frequência; % = percentual; Muito Baixo: 0,000 - 0,499; Baixo: 0,500 - 0,599; Médio: 0,600 - 0,699; Alto: 0,700 - 0,799; Muito Alto: 0,800 - 1,000.

Fonte: Os autores.

O IDHM alto (52,1%) prevalece nas três temporadas, seguido do IDHM muito alto (32,7%), IDHM médio (12,1%) e, por fim, IDHM Baixo (3,1%). No IDHM baixo foi identificado que todas as jogadoras constatadas são das regiões Nordeste e Norte.

Discussão

O presente estudo objetivou realizar um mapeamento sociodemográfico descritivo para caracterizar o perfil de jogadoras e clubes de futebol de mulheres que estavam na elite nacional (Brasileirão Série A1) nas temporadas de 2022 a 2024. Os resultados apontam um total de 23 clubes, centralizados em 15 cidades e 11 estados do país. Dos 23 clubes, 12 deles disputaram as três edições do Brasileirão incluídas na pesquisa, sendo que nesse período apenas quatro vagas foram ocupadas por novos clubes participantes. Além disso, as cidades que possuem a maior quantidade de clubes (3) são: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O processo de acesso à elite acontece da seguinte forma: o Campeonato Brasileiro Feminino A2 concentra 16 clubes separados em dois grupos de 8 e é dividida em quatro fases. Na primeira, os quatro melhores de cada grupo avançam para as quartas de final, após, competem por duas vagas (em cada grupo) para as semifinais e por fim, disputam para ver quem chega na final da competição. As quatro equipes que estão nas semifinais sobem para 1º divisão (A1)^{22, 23}.

Observa-se que na temporada 2022, dos times que subiram da A2 (Atlético Mineiro Saf; Cresspom; A. A. Esmac e Red Bull Bragantino), somente o Atlético Mineiro conseguiu permanecer na elite e os outros três foram rebaixados. Já na temporada 2023, dos times que conseguiram acesso à elite (Athletico Paranaense; Bahia; Ceará e Real Ariquemes), todos foram rebaixados. E na temporada 2024, dos clubes que conseguiram acesso à primeira divisão (América Saf; Botafogo; Fluminense e Red Bull Bragantino), somente o Botafogo foi rebaixado, os demais conquistaram a permanência na elite^{24, 25, 26}.

Outro ponto é que nos três anos de competição, o estado de SP é o que possuía mais clubes representantes, sendo sete em 2022, cinco em 2023 e seis em 2024. Os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais conseguiram atingir o marco de três clubes representantes apenas em

2024. Os clubes nas três temporadas pesquisadas são, em sua maioria, da região Sudeste, em seguida, da região Sul, após Centro Oeste e, por fim, Norte e Nordeste. Especificamente com relação à região Sudeste, o disparate é grande em comparação com as outras regiões. Se há 16 equipes em cada temporada, metade (2023) e mais da metade (2022 e 2024) são do Sudeste. As equipes do Nordeste e Norte, por exemplo, são as que menos conseguem participar do Campeonato Brasileiro A1. Foi observado que equipes do Nordeste/Norte oscilam de divisões, não apresentando estabilidade na competição. Isso pode ser explicado por diversos fatores, como investimento, estrutura e visibilidade do mercado.

Há de se destacar que na temporada de 2023, a região Nordeste apresentou dois clubes na elite (Bahia e Ceará), superando a região Centro Oeste e Norte. Na temporada de 2022, o Bahia (semifinalista), contou com novas contratações, jogadoras em período de avaliação, atletas remanescentes e ainda teve a segunda receita para o futebol do Nordeste no feminino em 2022: R\$ 974 mil^{27, 28}. Já o Ceará, equipe campeã da A2 em 2022, obteve na temporada uma receita de R\$ 1.298.765 (destinada às atletas, coordenação, comissão técnica e supervisão²⁸. Embora Bahia e Ceará tivessem maior investimento, no ano de 2023, o Ceará dispensou as jogadoras campeãs e teve cortes no orçamento, justificativa dada pelo rebaixamento do time masculino, prejudicando assim o time feminino, que havia subido para a elite²⁹. Outro ponto do estudo é em relação ao IDH dos estados dos clubes. Somente o Pará e a Bahia apresentam IDH classificado como médio, 12 estados apresentaram IDH alto e 9 estados IDH muito alto.

Com relação aos estados de nascimento das jogadoras, foi verificado que o maior quantitativo está na região Sudeste, Nordeste, seguidas do Sul, Centro Oeste e Norte. Os estados que mais têm jogadoras nascidas são (ordem decrescente): São Paulo; Rio de Janeiro; Minas Gerais, Rio Grande do Sul; Bahia, Paraná e Santa Catarina. Além disso, a taxa de nascimentos no Estado de São Paulo é muito discrepante em comparação aos outros estados, mostrando também que a possibilidade de ascensão para quem nasce no Estado seja maior que em outros Estados, já que existe a tendência de se ter clubes fortes em termos competitivos nessa região. Essa análise também é coerente no quesito das cidades, com a primeira sendo da região Sudeste (São Paulo) e estando em todas as temporadas na primeira posição no quantitativo avaliado.

Considerando o IDHM e a população das cidades incluídas no estudo (com pelo menos três atletas), em todas as temporadas, estas apresentam IDHM alto ou muito alto e a população de grande porte e metrópoles. De forma geral, ao analisar a quantidade de jogadoras sem limitação de, pelo menos, três por cidade, o IDHM alto (52,1%) prevalece nas três temporadas, seguida do IDHM muito alto (32,7%), IDHM médio (12,1%) e por fim, IDHM Baixo (3,1%) foram percebidas. No IDHM baixo, todas as jogadoras constatadas são da Região Norte/Nordeste, corroborando com que o PNUD³⁰ relata sobre as regiões Norte (0,667) e Nordeste (0,663) serem as regiões com menores IDH. A PNUD³⁰ também observa que o Sudeste (0,766), Centro-Oeste (0,757) e Sul (0,754) são os primeiros colocados no IDHM. Além disso, a quantidade de jogadoras que nasceram no Nordeste é similar em comparação com a região Sul, entretanto, a região Nordeste tem menos clubes participantes.

Motivada pela *FIFA Strategy*, no âmbito global, a CONMEBOL, em nível sul-americano, passou a exigir que os clubes que querem jogar suas competições, devem ter times femininos de forma obrigatória^{11, 12}. O estudo de Accocella *et al.*¹⁵ contribuiu para o entendimento dos fenômenos relacionados às alterações sociodemográficas resultantes deste processo. Os autores afirmam que a existência de vários clubes masculinos na região Sudeste, fez com que na prática, fossem criados também times femininos, assim, perpetuando as desigualdades e desequilíbrios. Nesse sentido, a exigência da CONMEBOL tem promovido a expansão do futebol de mulheres em regiões historicamente/tradicionalmente marcadas pelo maior desenvolvimento do futebol masculino, embora também tenha acarretado desvantagens

para clubes e localidades que já fomentavam a modalidade desde o princípio do campeonato nacional.

Essa pesquisa vai ao encontro do estudo de Teoldo *et al.*, o qual expõem discussão sobre o impacto da localidade na identificação e desenvolvimento de jogadoras talentosas brasileiras. Além disso, evidenciou que local de nascimento pode moldar a experiência a longo prazo e a possibilidade de alcançar patamares de elite no esporte profissional ^{31, 32, 33}.

Em relação às aplicações práticas, esse estudo contribui para que a FIFA, CONMEBOL, CBF, Federações e órgãos governamentais, sejam Federais, Estaduais e/ou Municipais, tenham informações aprofundadas para conhecer a realidade dos clubes, sua estrutura e organização. Proporcionando assim, melhores condições de ascensão profissional para as jogadoras, auxiliando na tomada de decisão e na proposição de políticas públicas que possibilitem a diminuição das desigualdades.

Como limitações da pesquisa, identifica-se a dificuldade com as informações não encontradas das jogadoras. No quesito naturalidade, muitas jogadoras não compuseram a amostra porque não foram encontradas as informações nos sites investigados. Por vezes, esses sites apresentavam apenas parte do “elenco”, ou então, somente informações do time masculino. Outro elemento são as informações do IDHM, que é primordial para averiguar os municípios de forma mais específica, mas a última atualização foi no ano de 2010 e isso é uma observação considerável para essa pesquisa.

A pesquisa, com limitações registradas, mas ampla variedade de informações e perspectivas, sinaliza para novos estudos nesse âmbito, com maior aprofundamento. Sugere-se, por exemplo, a realização de uma pesquisa qualitativa que contemple relatos de jogadoras que participam do Brasileirão Série A1, permitindo adentrar mais nas questões de profissionalização, dificuldades estruturais e até mesmo machismo, preconceito e racismo.

Conclusões

Conclui-se que a região Sudeste apresenta maior número de clubes e de jogadoras nascidas, tendo como principal o estado de São Paulo, com disparate grande em relação ao número de clubes do Nordeste/Norte em comparação ao Sudeste/Sul. Em relação ao IDH dos estados dos clubes, Pará e Bahia apresentaram IDH médio, ademais, 12 estados apresentaram IDH alto e 9 estados IDH muito alto. Sobre os municípios, foi possível identificar que as jogadoras nascem em cidades com IDHM alto (52,1%) ou muito alto (32,7%). É importante destacar que o Norte e Nordeste têm os índices mais baixos em relação ao IDH dos clubes. Ademais, há uma quantidade relevante de atletas que nasceram em capitais e cidades de grande porte ou metrópoles.

Considerando as dificuldades sociais que as mulheres enfrentam, no futebol não seria diferente. Assim como no relatório da Onu sobre a desigualdade de gênero em geral, ressaltada no site “Onu Mulheres”³⁴ em 2024, a desigualdade de gênero ainda representa um entrave crucial, pois nenhum dos indicadores do ODS 5 (Igualdade de gênero - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas) vem sendo atingido, tendo como probabilidade a projeção de paridade somente em 2063.

Apesar das lacunas referentes à falta de informação de parte das atletas, bem como, a desatualização do IDHM, o estudo se mostrou pertinente, trazendo dados e discussões relevantes para o futebol de mulheres no Brasil. Estudos como este são necessários para evidenciar a realidade no país, suas regiões e estados, sinalizando desigualdades e diversidades, sendo um possível auxílio para o presente e futuro do esporte de mulheres.

Referências

1. Vedove RD. *Futebol feminino: sua história e a busca pela igualdade* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Rio Claro: Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro; 2021.
2. Pessanha NF. O mundo da bola: a proibição do futebol de mulheres em diferentes campos. *Esporte Soc.* 2021;(32):2. [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49488/28782>
3. Vilela JAR. A história do futebol de mulheres no Brasil. *Politize* [Internet]. 2023 [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/futebol-feminino>
4. Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev Bras Educ Fís Esp.* 2005;19(2):143–151. [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>
5. Ribeiro RR. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941–1957). *Tempo.* 2023;29(2):1–23. DOI: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980542X2023v290212>
6. Goellner SV, Macedo CG. Futebol de mulheres no Brasil: a importância dos acervos privados na produção de histórias invisibilizadas. *Acervo.* 2024;37(1):1–20. [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2051>
7. Goellner SV. Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience. *Movimento.* 2021;27:e27001. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>
8. Jornal da Paraíba. Tudo sobre o Brasileirão Feminino de Futebol [Internet]. 2024 [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/esportes/brasileirao-feminino-de-futebol>
9. Redação GE. Corinthians renova recorde de público no futebol feminino com 44 mil na final do Brasileirão [Internet]. 2024 [acesso em 10 out 2024]. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/futebol-feminino/brasileiro-feminino/noticia/2024/09/22/corinthians-renova-recorde-de-publico-no-futebol-feminino-com-44-mil-na-final-do-brasileirao.ghml>
10. Redação GE. Corinthians atinge maior renda do futebol feminino de clubes no Brasil [Internet]. 2025 [acesso em 23 set 2025]. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/futebol-feminino/noticia/2025/09/14/corinthians-atinge-maior-renda-do-futebol-feminino-de-clubes-no-brasil.ghml>
11. Brasil. Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor. *Estratégia Nacional para o Futebol Feminino* [Internet]. 2023 [acesso em 5 out 2023]. Disponível em: https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/futebol-feminino/docestrategianacionalfutebeolfemv5_15-08-202313.pdf
12. FIFA. *Women's football strategy* [Internet]. 2018 [acesso em 2 nov 2023]. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/baafcb84f1b54a8/original/z7w21ghir8jb9tguvbcq-pdf.pdf>
13. Atlas Brasil. Você sabe o que é? Desenvolvimento Humano [Internet]. 2024 [acesso em 5 jun 2024]. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/acervo/atlas>
14. Perrot M. Práticas da memória feminina. *Rev Bras Hist.* 1989;9(18):9–18. [acesso em 2 mar 2024]. Disponível em: http://snh2017.anpuh.org/resources/download/1246015089_ARQUIVO_michelleperrot.pdf
15. Accocella LR, et al. Da proibição à ascensão (onde?): mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. *Motrivivência.* 2023;35(66):1–17. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e93441>
16. Costa IT, Cardoso FSL, Garganta J. O Índice de Desenvolvimento Humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento? *Motriz.* 2013;19(1):34–45. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742013000100004>
17. Confederação Brasileira de Futebol. Times [Internet]. 2022 [acesso em 11 nov 2023]. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/times/brasileiro-feminino/a-1/2022>
18. Confederação Brasileira de Futebol. Times [Internet]. 2023 [acesso em 10 dez 2023]. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/times/brasileiro-feminino/a-1/2023>
19. Confederação Brasileira de Futebol. Times [Internet]. 2024 [acesso em 20 ago 2024]. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/times/brasileiro-feminino/a-1/2024>
20. Brasil. *Política Nacional de Assistência Social: PNAS/2004*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; 2005 [acesso em 27 set 2024]. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf

21. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades e Estados [Internet]. 2024 [acesso em 8 mar 2024]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>
22. Redação GE. Série A2 do Brasileirão Feminino 2024: CBF divulga tabela básica [Internet]. 2024 [acesso em 26 dez 2024]. Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/futebol/noticia/2024/03/22/serie-a2-brasileirao-feminino-2024-cbf-divulga-tabela-basica-veja.ghml>
23. Redação GE. Quem subiu? Definidos os quatro clubes que conquistaram acesso ao Brasileirão Feminino [Internet]. 2024 jul 9 [acesso em 26 dez 2024]. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/futebol-feminino/noticia/2024/07/09/quem-subiu-definidos-os-quatro-clubes-que-conquistaram-acesso-ao-brasileirao-feminino-veja-duelos.ghml>
24. Futebol Interior. Campeonato Brasileiro Feminino A2 – 2021 [Internet]. 2021 [acesso em 27 dez 2024]. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/campeonato/feminino-a2-2021>
25. Futebol Interior. Campeonato Brasileiro Feminino A2 – 2022 [Internet]. 2022 [acesso em 27 dez 2024]. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/campeonato/campeonato-brasileiro-feminino-a2-2022>
26. Futebol Interior. Campeonato Brasileiro Feminino A2 – 2023 [Internet]. 2023 [acesso em 27 dez 2024]. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/campeonato/campeonato-brasileiro-feminino-a2-2023>
27. Redação GE. Elenco feminino do Bahia se reapresenta para disputa da Série A-2 do Brasileiro; veja elenco [Internet]. 2022 [acesso em 23 set 2025]. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/2022/04/11/elenco-feminino-do-bahia-se-reapresenta-para-disputa-da-serie-a-2-do-brasileiro-veja-elenco.ghml>
28. Blog Cassio Zirpoli. Ceará ganha o 1º título nacional feminino do Nordeste; o maior investimento da região [Internet]. 2022 [acesso em 23 set 2025]. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/ceara-conquista-o-1o-titulo-brasileiro-feminino-do-nordeste>
29. Alves C, Barlem C. Orçamento específico, estrutura diferente: veja o que mudou nos times da A1 após regra no Brasileiro. Globo Esporte [Internet]. 2023 [acesso em 23 set 2025]. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/03/17/orcamento-especifico-estrutura-diferente-veja-o-que-mudou-nos-times-da-a1-apos-regra-no-brasileiro.ghml>
30. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). *Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras*. Brasília: PNUD/Ipea/Fundação João Pinheiro; 2016 [acesso em 5 jun 2024]. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/99303e77-44f3-4e49-814b-ae9267dd06b9/content>
31. Teoldo I, et al. Talent map of female soccer: how does the birthplace and birthdate impact the participation of soccer players in Brazilian Serie A1 Championship? J Hum Sport Exerc. 2023;18(4):858–870. DOI: <https://doi.org/10.14198/jhse.2023.184.10>
32. Côté J, MacDonald DJ, Baker J, Abernethy B. When “where” is more important than “when”: birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. J Sports Sci. 2006;24(10):1065–1073. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640410500432490>
33. Larkin P, Reeves MJ. Junior-elite football: time to re-position talent identification? Soccer Soc. 2018;19(8):1183–1192. DOI: <https://doi.org/10.1080/14660970.2018.1432389>
34. ONU Mulheres. Relatório da ONU demanda ação global imediata para acabar com a desigualdade de gênero [Internet]. 2024 [acesso em 28 dez 2024]. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/panorama-de-genero-2024/>

Declaração de Disponibilidade de Dados: Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis no próprio artigo.

Agradecimentos: Agradecimento à Fundação Araucária e à Universidade Estadual de Maringá pela bolsa concedida durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

CRediT author statement

Milena Gonçalves Sales dos Reis: Conceptualization, Data curation, Formal analysis, Funding Acquisition, Investigation methodology, Project administration, Resources, Software, Validation, Visualization, Writing – original draft and Writing – review & editing;

Matheus de Oliveira Jaime: Supervision, Validation, Writing – original draft and Writing – review & editing;

Leandro Rechenchosky: Funding Acquisition, Supervision, Validation, Writing – original draft and Writing – review & editing;

Vanessa Menezes Menegassi: Conceptualization, Data curation, Formal analysis, Investigation methodology, Project administration, Resources, Software, Supervision, Validation, Visualization, Writing – original draft and Writing – review & editing.

ORCID dos autores:

Milena Gonçalves Sales dos Reis: <https://orcid.org/0009-0008-4501-3485>

Vanessa Menezes Menegassi: <https://orcid.org/0000-0002-3779-4268>

Leandro Rechenchosky: <https://orcid.org/0000-0002-1396-1375>

Matheus de Oliveira Jaime: <https://orcid.org/0000-0001-6320-667X>

Editora: Ábia Lima de França

Recebido em 27/09/2025.

Revisado em 02/12/2025.

Aceito em 03/12/2025.

Autora para correspondência: Milena Gonçalves Sales dos Reis. E-mail: mlenasalesdosreis@gmail.com